

## Duplicidade e ambivalência em *Os Anões* de Luís André Nepomuceno

**Carlos Roberto da Silva**

Professor no Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM e no Colégio Nossa Senhora das Graças. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa, pela PUC – BH e Doutorando em Estudos Literários, pela Fale – UFMG.  
E-mail: [carlosroberto@unipam.edu.br](mailto:carlosroberto@unipam.edu.br)

**Resumo:** O presente trabalho analisa *Os Anões*, novela do escritor mineiro Luís André Nepomuceno, a partir das concepções da representação do duplo, temática recorrente na literatura mundial. A tentativa direciona-se no sentido de descrever suas ocorrências na referida obra e compreender as razões das escolhas do autor em torno dessa temática.

**Palavras-chave:** Duplo. Duplicidade. Mundo real. Representação.

**Abstract:** The present paper analyzes *Os Anões (The dwarfs)*, a tale by Luís André Nepomuceno, a writer from Minas Gerais, considering the conceptions of the representation of the double, which is a recurrent theme in world literature. The objective is an attempt to describe its recurrences in this work as well as to understand the reasons of the author's choices around the theme.

**Keywords:** Double. Duplicity. Real world. Representation.

A meu filho Daniel

Ambos  
Outro dia  
passando por mim  
eu quase me reconheci  
mas íamos  
ambos apressados:  
um para o futuro  
o outro para o passado.

Wilson Pereira

A temática do duplo acompanha a humanidade desde antigas eras. Ao analisar as várias concepções acerca deste tema, percebe-se sua presença em muitas formas de manifestações. Na escultura, desde as representações<sup>30</sup> de deusas da

<sup>30</sup> Dos muitos significados, explicitados no dicionário Houaiss, da palavra representar, originária do latim *repraesento, as, ávi, átum, áre*, dois deles nos interessam: *ser a imagem, o símbolo, a reprodução de e substituir, estar no lugar de; fazer as vezes de*. Estas significações nos remetem a várias concepções de teóricos que se debruçaram sobre a temática do duplo. Nesse caso, a arte, os mitos e as narrativas populares e folclóricas se prestam com mais proficuidade à compreensão

fertilidade, que remontam há 30.000 anos, até aquelas contemporâneas que se materializam nas esculturas de personalidades históricas, nos museus de cera com a duplicação de ícones da cultura pop, sobretudo da música e do cinema, nas imagens de santos do catolicismo e dos orixás das religiões afro-brasileiras ou nos bonecos de material sintético produzidos em série dos ídolos da música, do esporte e das crenças religiosas e até nas reproduções do artesanato, especialmente da cerâmica. Ao analisar os materiais utilizados nessas duplicações, a cera, o mármore, a pedra sabão, materiais sintéticos como resina e plásticos, madeira, gesso, cerâmica, terracota e cimento, percebe-se a popularidade das reproduções, a importância e o caráter sociocultural das representações que, no Brasil, ganham contornos diversos e são de uma riqueza imensa. Na pintura, tem-se a reprodução de personalidades sociais, históricas e religiosas. Na literatura, o tema é mais profícuo e aprofundado, pois está presente na oralidade em suas lendas, mitos, narrativas regionais de fantasmas e almas penadas ou nas narrativas ficcionais da escrita como contos, novelas, romances e teatro, além das narrativas religiosas, especificamente do cristianismo. No cinema e na fotografia, também ocorre abundantemente o fenômeno da duplicação e dos temas concernentes a ela.

Pensar as funções da duplicação é mergulhar num labirinto de representações em que se cruzam significações religiosas, psíquicas, políticas, econômicas, filosóficas e estéticas. Em cada um deles, funções diversas vão se explicitando sempre que se depara com o fenômeno do duplo e seus tipos. Alguns teóricos inventariaram as ocorrências de duplos considerando suas tantas modalidades advindas de divisão, multiplicação, oposição e metamorfose de pessoas e divindades, sobretudo. A esse respeito, Keppler, citado por Nicole Fernandez Bravo, ao discorrer sobre o assunto no verbete “duplo” do Dicionário de Mitos Literários, organizado por Pierre Brunel, aponta sete modalidades, a saber: o perseguidor, o gêmeo, o(a) bem-amado(a), o tentador, a visão de horror, o salvador, o duplo no tempo<sup>31</sup>, assinalando suas utilizações na tentativa de compreensão das transformações ocorridas no eu, suas ambiguidades e suas ambivalências. Já Freud, em *O Estranho*<sup>32</sup>, assinala a duplicação como um dos motivos do estranhamento. Por exemplo, segundo o pensador, lendo Jentsch, causam sensação de estranho as figuras de cera, os bonecos e os autômatos, porque despertam a dúvida se está vivo ou morto, se é um ser humano ou um autômato, além da mesma sensação diante dos ataques de epilepsia e das manifestações de insanidade. O autor ainda se refere à temática como manifestação de algo recalcado que aflora ou outras perturbações mentais, provocando duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). Assim, aborda essas questões atribuindo ao tema do duplo, a partir do pensamento de Otto Rank, algumas funções. Dentre elas, o duplo é uma segurança contra a destruição do ego e a negação da morte, fazendo surgir a concepção de corpo e alma, associada à de vida e morte, ou

---

deste assunto, uma vez que lidam diretamente com os temas da repetição de pessoas, deuses, demônios e outros seres sobrenaturais e misteriosos e suas respectivas representações, ressaltando semelhanças e diferenças.

<sup>31</sup> BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre. Organizador. *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussekind, Jorge Laclette, Maria T. R. Costa e Vera Whately. Rio de Janeiro: Ed. UNB e José Olympio, 1997. p. 261 – 287.

<sup>32</sup> FREUD, Sigmund. *O Estranho*. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. p. 237 – 269.

mesmo no desejo de eternidade através da arte de fazer imagens do morto em material duradouro, como os egípcios. Bravo, reportando também a Rank, assinala que “o duplo é uma personificação da alma imortal” (1997, p. 263).

Há de se pensar o duplo como ocorrência no real, como manifestação de perturbações psíquicas e como representação estética. No primeiro caso, o duplo está na natureza mesma do real em suas duplicações, semelhanças, diferenças e antagonismos, ou seja, o fenômeno da duplicidade está na semente que germina repetindo um exemplar primeiro, no animal (inclusive o homem, principalmente na ocorrência de gêmeos) que se reproduz, no caráter cíclico do tempo, como a repetição do dia e da noite, até mesmo nas pétalas do malmequer ou nas listras da zebra. No segundo, explicam-no Freud, Otto Rank, Clément Rosset e outros. Por último, manifesta o duplo na criação artística como representação, como *leitmotiv* e como abordagem temática. Nesse caso, pode-se dizer que há uma estetização da temática do duplo, ou melhor dizendo, faz-se dele mesmo a razão da existência da obra de arte. Destas, a literatura e o cinema são as que mais oferecem matéria para as reflexões acerca do assunto. Na literatura, são inumeráveis as obras cujo eixo condutor da trama é o fenômeno do duplo em suas muitas faces, permitindo reflexões sob as perspectivas filosófica, psicológica, social, estética e até mesmo cultural. Pelas representações do duplo na literatura, compreende-se o homem em suas inquietações mais íntimas e a sociedade em suas relações mais tensas. Bravo (1997, p. 263-264) faz um breve histórico desta ocorrência do tema na arte da escrita, assinalando que

da Antiguidade até o século XVI, o mito simboliza o homogêneo, o idêntico: a semelhança física entre duas criaturas é usada para efeitos de substituição, de usurpação de identidade, o sócio, o gêmeo é confundido com o herói e vice-versa, cada um com sua identidade própria. (...) A partir do término do século XVI, o duplo começa a representar o heterogêneo, com a divisão do eu chegando à quebra da unidade (século XIX) e permitindo até mesmo um fracionamento infinito (século XX).

Essas diferentes formas de lidar com as representações do duplo decorrem das maneiras de o homem conceber o real, ou seja, o estar no mundo e as reflexões sobre ele delineiam as ocorrências do fenômeno na arte, além de atualizá-lo. Nesta direção, compreender a presença do tema em narrativas bíblicas como o surgimento do homem no episódio de Adão e Eva, as relações humanas em Abel e Caim, a usurpação do poder em Esaú e Jacó, o antagonismo de Eva e Maria, a complementação em Davi e Jesus, assim como suas ocorrências nas narrativas românticas, sobretudo de Hoffman e Goethe, e até mesmo no Realismo russo com Dostoiévski, ou no brasileiro com Machado de Assis é acompanhar a evolução das representações do duplo na literatura para que se possa compreender sua presença na arte do final do século XX e início do XXI cujas significações não só retomam sua história, mas também apontam para novas direções.

Com essa breve incursão pela temática do duplo, pretende-se ler a novela *Os Anões*, do escritor mineiro Luís André Nepomuceno, publicada em 2009 pela editora 7Letras. Nesta obra, o ficcionista abdicou-se da narrativa curta – os contos de Antipalavra – e da narrativa longa – o romance *A lanterna mágica de Jeremias* – para enveredar-se pela narrativa de média extensão – a novela, gênero denso e mais apropriado para

uma reflexão mais profunda acerca dos dilemas do homem, cuja aflição é causada pela não compreensão de próprio existir. O estranhamento do sujeito com o mundo circundante faz-se ficção e ficção verdadeira. Verdadeira porque matizada de realidades apenas possíveis na ficção. Mas atentem-se, pois o que nos parece ficção tem a sina de se tornar verdades humanas, tão verdadeiras como o ato de transformar inquietudes em experiência estética. Essas realidades só são possíveis porque se instalam na tênue fronteira entre o real e o fictício, entre o lógico e o absurdo, entre o palpável e o indefinido. Além disso, são vistas, na narrativa de Nepomuceno, apenas no limiar da visibilidade. Mas, paradoxalmente, por isso, revelam os estranhamentos de homens inseridos num estranho mundo de superfície opaca em que as relações se tornam incompreensíveis e injustificáveis.

A narrativa gestada e entretecida por Luís André Nepomuceno tem como fio condutor o personagem João Evangelista Jetur da Fé. Morador de uma pequena cidade não identificada, João, primo de Jesinho Siríaco e viúvo de Luzia, vive uma quarentena de horrores em uma cidade tomada pela peste. Aliás, a quarentena foi uma estratégia criada durante a peste negra que assolou a Europa na Idade Média e que, como na história de Nepomuceno, não foi capaz de resolver o problema da doença. Ele, João Evangelista, o personagem e narrador, nos conta que numa noite de extrema escuridão de uma terça-feira, ao voltar para casa, tropeça e se envolve com o corpo de alguém morto e abandonado na rua. Depois de uma luta vã, na tentativa de ressuscitar o homem, desiste tomado de horror, e retoma, enfim, o caminho de casa. Ao chegar, depara com uma enormidade sem fim de anões que invadiu sua residência, um antigo sobrado herdado de seu avô. Ali vive, estranhamente, por mais de quarenta dias, com essa gente estranha e intrusa. Prisioneiro em seu próprio mundo, João não consegue compreender ao certo o que se passa, não entende as razões da invasão, muito menos a lógica que rege aquela sociedade composta por anões, uns maiores e outros menores, uns denominados os brancos e outros os pretos, uns com nomes terminados em *el* e outros em *ão*. Oprimido por um organismo autoritário e burocrático cujo caos se estabelece na própria ordem imposta, o ex-dono da casa é tomado de perplexidade e uma sociedade marcada pela crueldade, pelo extremismo, pela violência e pela submissão cega e desmedida. Vive-se ali, além da morte, a experiência do medo da morte. Do medo que norteia todas as ações. Vive-se ali a experiência da derrocada de valores, da desumanização e da animalização do homem, como quem retorna ao primitivismo ancestral.

Tudo isso é visto por um homem míope que, sintomaticamente, perdeu seus óculos diante da morte de um entre tantos. Por fim, numa manhã nascente e com promessas de claridade, numa ação não muito segura, foge pelo telhado, salta o muro e ganha a rua, ou melhor, o mundo.

A duplicidade na narrativa de Nepomuceno se materializa de três maneiras. A primeira, na própria tessitura narrativa, em que o mundo se duplica em dentro e fora, inicialmente marcados pelos antagonismos vida e morte, saúde e doença, ordem e desordem; depois, essas fronteiras vão esmaecendo e um vai imbricando no outro para caracterizar a dualidade que, no dizer de Kalima e Kovadloff (1989, p. 104),

indo agora do dualismo à dualidade, ou seja, do doutrinário ao fenomenal, teríamos de dizer que a dualidade caracteriza o que é duplo ou contém dois elementos. Nesse senti-

do, a dualidade se oporia ao princípio lógico de não contradição, segundo o qual uma coisa não pode, ao mesmo tempo, ser e não ser. Dualidade é, pois, expressão simultânea de forças divergentes.

Na segunda, as relações entre os elementos da estrutura compõem uma rede de duplos por excelência. O narrador, João Evangelista Jetur da Fé, é em si mesmo um duplo do personagem narrador da história milenar de Jesus Cristo que, em vários aspectos, elucida o ato de ser de seu primeiro, nesse caso, sendo ele mesmo e o outro, tema muito caro a Otto Rank. Outro personagem que evoca o fenômeno do duplo é Jesinho Siríaco ou Jesus de Siraque, primo do narrador, que homenageia o personagem bíblico de mesmo nome, também primo do primeiro Jesus (se é que não havia outros). O antagonismo da duplicação nos remete para a lembrança de que Jesus, o primeiro, ensina a ver, e seu duplo na narrativa ensina a não ver. Esse personagem pode ser visto na novela como um duplo do próprio narrador, uma cisão do eu, como quer Freud, se transformando em estranho. Veja-se um fragmento da narrativa:

então a gente fixava os olhos um no outro, eu tinha muita vontade de rir no começo, mas fingia seriedade, porque do contrário Jesinho ficava bravo, dizia que eu não sabia brincar, que era bobo e tudo. E de repente, o brinquedo fazia sentido e tomava vulto, e meu primo, assim como estava, virava aos poucos um ser estranho, eu devia de estar virando também, e de ser estranho, transformava-se, mais que isso, num monstro horrível, com olhos imensos, abertos a me engolir. Era sempre eu quem desistia, porque me dava um medo ridículo da figura que meu primo ia sendo, ou da figura que meus olhos iam criando dele. E ele sempre se aborrecia, dizendo que se ficássemos ali um pouco mais, era possível ver a alma um do outro, porque a alma sempre saía, em condições como aquela em que era vista de perto. Mas eu piscava em agonia, afobado, com medo de Jesinho Siríaco virar mesmo um bicho, e quando os olhos voltavam, e tudo ao mesmo tempo voltava a ser o que era, eu via com aquele meu prazer interno que Jesinho era ele mesmo de novo, com olhos ainda grandes de tanto fixar no nada, mas era ele, ele mesmo, e eu então tinha certeza de que todas as coisas que um dia foram, um outro dia serão novamente, pois que o fim não existe, existem apenas os princípios (NEPOMUCENO, 2009, p. 22-23).

Esta cena permite reflexões acerca não só do estranho familiar de que fala o psicanalista, mas também do fenômeno da duplicação tipificado por Keppler.

Acerca do narrador personagem, merece atenção sua esposa, que retoma a ideia de complemento na expressão cara metade, tão usual. Na história narrada, João é míope, mas casado com Luzia que, etimologicamente, tanto nos pode remeter a *lux, lucis* 'luz, luz do dia', quanto a *Lúcius* e *Lúcia* 'nascido/nascida ao alvorecer'. No primeiro caso, seria a luz dos olhos míopes do narrador e, no segundo, uma referência evidente a sua saída da casa, ao sol nascente. Há de lembrar que Luzia havia morrido muito recentemente, coincidindo com o fato de João também perder seus óculos. Ainda sobre o narrador, outro episódio narrado encaminha para a reflexão do tema. A casa era regida por uma espécie de pai inacessível que dava ordens sempre por escrito – a escrita é já uma duplicação – cujo nome Abliel é anagrama de Belial, que, no cristianismo, é tomado como aquele sem luz. O anagrama é já duplicação, assim como a história de

Belial que se transforma de anjo da virtude em demônio da arrogância e da loucura. Em uma única oportunidade, João consegue falar com ele. A cena é narrada da seguinte forma:

com tudo isso considerado fui então ao seu encontro.

Que os olhos vejam para além da luz.

Foi o meu encontro com o duplo, a face em máscara estagnada de outro século, o demurgo de meus trabalhos e de meus dias – o pai Abliel. Não sei mais como foi, que o sentimento me tolhe a claridade da memória, mas sei que subi as escadas como um relâmpago, ninguém as guardava como das outras vezes, perdi o fôlego no último degrau, pelo esforço a que não era dado.(...)

Pois foi só depois que aquele olhar me trespassou, que pude ver em suas feições, sua natureza, aquilo que ele era de tão perto, como agora estava, ao alcance da minha fraca vista deficiente. Um velho, uma velhice de milênios, meu Deus, ele parecia. Os olhos viam a custo, os meus e os dele. Admirou-me a vetusta barba que pude longamente contemplar, quando ergueu a cabeça, com lentidão, como se qualquer gesto lhe fosse penoso.(...) Parecia-me uma paródia de gente, a paródia de mim mesmo, envelhecida, creio, e o medo da doença o tornava um rato, acuado, o temor engolindo a coragem, não lhe permitindo sair da cadeira, seu refúgio (p. 96, 100, 101).

No episódio, há o estranhamento pela familiaridade com que o narrador se vê no outro, mas também a percepção da oposição que há entre o pai, Abliel que, após a invasão da casa, fica exatamente no quarto de João, o filho alegórico. Essa imagem exemplifica bem os propósitos freudianos de explicação do duplo como fruto do recalque que se aflora. O primeiro, parodisticamente, é manifestação do ditador, espelho em que se vê os próprios desejos de poder, o segundo, os nossos medos, o envelhecimento e a morte.

Outros personagens corroboram as leituras acima, assim como presentificam a temática do duplo. Há, na casa, dois grupos de personagens, os anões e os anõezinhos, mecanismo curioso de duplicação que reproduz imagetivamente os dois mundos: o mundo de fora com sua enormidade e o mundo de dentro, apresentação reduzida do mundo de fora. Uns são apresentados como pertencentes aos brancos e outros, aos pretos, uns são bons e outros, maus. Muitos desfilam com nomes bíblicos, uns terminados em *el* e outros em *ão*. Isso, segundo a classificação de Keppler, é duplicação por oposição. Para Rosset (2008), o duplo é ele mesmo e um outro, por isso, todo acontecimento implica a negação de seu duplo. O jogo de antagonismo em *Os anões*, de Nepomuceno, encaminha o leitor para um real só acessível pela representação, ou seja, apaga temporariamente o real em proveito da representação. Insere os personagens que se ligam ao real em um mundo irreal, de personagens criados e que se manifestam e relacionam a partir da absurdidade do mundo, para que na escuridão do primeiro se possa projetar, como no jogo de espelhos, a luz que emerge dos intervalos tensos da duplicação, para que se possa extrair do *inmemoriabilis* da vida matéria narrável. Essas possibilidades de leitura são validadas por outros aspectos. A casa tomada pela horda de anões é um sobrado, portanto, duplicada, mas já um duplo do mundo lá fora. Pelos dois andares, se espalham os intrusos que provocam uma fissura no real e o desestabiliza. Na instabilidade, o humano se mostra em sua fragilidade, seus medos e seus anseios.

Também merece destaque o fato de a trama se iniciar ao sol posto, com João se deparando com um morto e se encerrar ao alvorecer, com o narrador personagem se lançando no mundo, agora iluminado depois da quarentena em um ambiente escurecido, tanto pela falta de luz como pela falta de humanidade de seus habitantes provisórios.

Por fim, no diálogo com outras obras literárias. A intertextualidade é, de alguma forma, um fenômeno de duplicação em que ocorre a retomada por repetição, o plágio; por confirmação e continuação, a paráfrase; e por oposição, a paródia. O *leitmotiv* da narrativa é uma doença que ataca a cidade, levando terror, morte e desordem. Com o advento da doença, a normalidade se fende e, esquizofrenicamente, o duplo se instala. Sobre a doença que provoca a outra ordem, diz o narrador:

A doença matava e mutilava e assombrava qualquer de nós, como uma noite sombria que cai sobre os homens. Eu entendi então a morte de Luzia, uns poucos dias antes, quando não estávamos na cidade. Entendi como se tudo, de um momento a outro, fizesse sentido, um sentido incompreensível, embora. (NEPOMUCENO, 2009, p. 12)

Essa doença coincide com a peste negra que assola Florença no século XIV, descrita por Giovanni Boccaccio em *O Decameron*, também com aquela que motiva *O diário do ano da peste* de Daniel Defoe, ocorrida no século XVII e ainda com a que ataca Oran, ficcionalmente, descrita por Albert Camus em *A peste*. O tratamento literário dado por Nepomuceno à doença é uma repetição do tratamento dado pelos autores acima citados. É preciso compreender repetição a partir do conceito de duplo de Clément Rosset em que “o duplo é ser o mesmo e um outro” (2008, p. 46). Em *Os anões*, todas essas obras estão presentes pelo deslocamento, pois o confinamento dos jovens de *O Decameron*, a descrição das tensões individuais e sociais de *O diário do ano da peste* e a cidade sitiada de Camus ocorrem por outro viés. Assim, o autor quer buscar em outros lugares a chave para compreender o real imediato, pois, para Rosset, o real só significa porque não se encontra em seu lugar. Nesse ato arriscado, a literatura duplica o real para enriquecê-lo com todas as potencialidades: a duplicação, a ampliação e a cisão. Duplicado, compara-se; ampliado, percebem-se as nuances e cindido, mergulha-se no abismo das fendas para tentar compreender sua natureza mesma sem as máscaras da superfície. Outros diálogos intertextuais aparecem na obra, como a relação explícita com o discurso bíblico, referências à *Divina Comédia* de Dante Alighieri, *Romeu e Julieta* de *Shakespeare* e *Ensaio sobre a cegueira* de Saramago, porém, neste trabalho, nos interessam um pouco menos.

Se essa problemática toda não é exclusividade de nosso tempo, sugerido pelo próprio autor de *Os anões*, pois há, ao longo da narrativa, diálogos com obras de autores que se debruçaram sobre as mesmas questões em vários momentos distintos da história do ocidente, isso, necessariamente, universaliza o tema.

Essa história absurda – fictícia por excelência – nos é dita por um enunciador não muito certo do que diz, pois se confessa míope e, ainda mais grave, confessa que havia perdido seus óculos durante o seu envolvimento com o primeiro fato de uma série de outros fatos expostos durante a narrativa, trazendo ao leitor um mundo escurecido pela ausência da capacidade ver. Esse tema da escuridão aparece outras vezes

na obra do autor, metaforizando tanto a dificuldade que o homem tem para compreender seus dilemas, como a angústia provocada pela falta de consciência de nosso existir, marcado pela dor, pelo desencontro e pelo próprio enigma do ato de viver. Em *Os anões*, a história se passa em um ambiente opaco, pois que iluminado apenas pelas tochas acendidas por homens e homens caracterizados pelo nanismo. Esta opacidade conduz a um olhar penumbroso que confere à existência um tom triste, melancólico e sombrio. Existência metaforizada numa casa povoada por pessoas como Jedeão que “era sujeito que não tinha sentimento de qualquer espécie, nem bom, nem ruim,” ou Mamonão, referência explícita a Mamom, o demônio bíblico, caracterizado por João como “um sujeito valentão e brioso, carrancudo mais que os outros, cheio de gostos e amor próprio, tinha olhos agressivos, seus gestos eram rápidos, (...) e suave como um cavalo”. Gente sem piedade, sem pudor e de sentimentos ressequidos pelo medo da doença.

A casa, tomada como metonímia da cidade, assume a condição de microcosmo em que se reproduz toda a sociedade contemporânea com seus desencantos e seus desencontros, com seus males e suas misérias, com suas dores e suas paixões, metaforizados pela doença que destrói a cidade. Uma legião de anões, que pouco se importa com o ato de ser ou não humano, habita uma casa que, para eles, parece ser uma cidadela fortificada, mas, como as cidades medievais, guarda apenas os liames que tecem a morte. Seus habitantes, na ânsia de fugir da doença, constroem, em uma cegueira conjunta, uma doença muito pior: a perda gradativa da humanidade que há em cada um.

Só a percepção de que a novela de Luís André Nepomuceno é uma alegoria da própria existência humana (existência construída por nós, também anões neste mundo) nos possibilita ver que no absurdo da narrativa nada mais há do que a absurdidade do mundo em que vivemos; e que na aparente desordem da narrativa, pois nem mesmo há linearidade dos fatos narrados, é que se explicita o caos desse mundo; e ainda é na inversão da construção frasal que se revela um mundo em que predomina a inversão de valores. E mais, na fluidez de uma narrativa sem interrupções, percebemos que na vida regida pelo capitalismo de duplicação da produção e consumo (também duplos da vida contemporânea) não há pausas para deslizar o olhar. Deslizar e nos perceber como seres que, humanamente, se constituem na relação com o outro.

Todo esse aparato estético construído pelo autor em torno do duplo mostra maneiras contemporâneas de lidar com um tema muito antigo, sugerindo leituras também outras que nos permitem conceber a narrativa como alegorias que se duplicam a cada novo contato. Uma dessas leituras possíveis é da relação entre a ficção e o real pelo viés das relações políticas e sociais. No mundo da realidade aparente, do cotidiano, há acontecimentos e relações de naturezas várias que são compreendidas e explicadas pela lógica dos humanos, mas há outras tantas que não o são. Assim, a criação do mundo fantástico, do mundo aparentemente impossível – lugar da temática do duplo por excelência na literatura – pode dar ao sujeito em sua relação com o mundo uma percepção do real em que o encontro com o outro de si e do mundo também outro obriga-o a assumir ou rejeitar o primeiro. Isso se evidencia ao analisar o personagem narrador João Evangelista que, a partir da quarentena, acontecimento cheio de alegorias, retoma os óculos para ver o mesmo, mas diferente, mundo de agora. Um outro mundo no mesmo mundo, do qual, o narrador, curiosamente com o nome de João, no-



lo desenha apocalíptico e escatológico. Esse mundo que nos é apresentado não é, definitivamente, o mundo do homem. Por certo, como nos acena o narrador personagem, há um outro escamoteado sob a sombra dos males que o assolam, mas para desvelá-lo como um mundo para seres humanos, carecemos de olhares que se construam humanamente, como num processo de crescimento espiritual, longo e árduo. Como nas brincadeiras de João e Jesinho, no início da narrativa, é preciso aprender a olhar fixamente, sem piscar, de olhos bem abertos, pois o olhar de cílios com cílios, apertadinho, nos faz ainda mais míopes. É preciso que passemos pela longa quarentena, metáfora, na narrativa de Nepomuceno, do longo aprendizado do olhar e desçamos pelo telhado e escalemos o muro alto da indiferença para sairmos em busca desse mundo outro ambivalente, uma vez que um vale por dois e os dois só valem por um. Em *Os Anões*, faz-se uma travessia cega em um mundo apocalíptico instalado em seu duplo e suas ambivalências.

### *Referências*

BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre. Organizador. *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussekind, Jorge Laclette, Maria T. R. Costa e Vera Whately. Rio de Janeiro: Ed. UNB e José Olympio, 1997. p. 261 – 287.

FREUD, Sigmund. O Estranho. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. p. 237 – 269.

KALINA, Eduardo & KOVADLOFF, Santiago. *O dualismo*. Trad. Oswaldo Amaral. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

NEPOMUCENO, Luís André. *OS Anões*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Apresentação de José Thomas Brun. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2008.